

IMPROVISAR É COMUNICAR¹

O Hip-Hop como folkcomunicação do comum

Camilla Millan Coelho de Magalhães²

RESUMO

Como a improvisação no Hip-Hop pode ser entendida como uma prática de folkcomunicação? Esta é a principal pergunta deste artigo, que relaciona teoria de Luiz Beltrão e a minha pesquisa sobre o improviso no Hip-Hop. Este artigo entende o corpo Hip-Hop como agente político e focará em uma análise sobre o tema a partir das teorias de Beltrão (2001), Gielen (2018), Butler (2012), Katz e Greiner (2015). Dessa forma, este artigo pretende contribuir para a teoria da folkcomunicação dialogando com práticas contemporâneas da cidade.

PALAVRAS-CHAVE

Hip-Hop; improviso; folkcomunicação; comum; precariedade

INTRODUÇÃO

A cultura Hip-Hop é ampla e complexa. Apesar de ser, muitas vezes, compreendida apenas como “aqueles giros de cabeça no chão” ou “aquela música barulhenta”, há muito mais. Por isso, é importante partir do entendimento de que não há apenas um Hip-Hop, mas sim comunidades diversas que se unem, repartem, aglomeram e transitam pelos espaços.

Assim como Hip-Hop está presente em diversos videoclipes e esteve – em partes – nas Olimpíadas de Paris, capturado pelo neoliberalismo e a estrutura dominante; as culturas Hip-Hop também caminham nas frestas, produzindo sentido e sobrevivência nas brechas e nas quebras da cultura neoliberal. Isso é ainda mais evidente quando falamos do improviso.

Entendida erroneamente como uma combinação de movimentos aleatórios “encaixados”, a improvisação constitui-se como uma prática política que engendra

¹ Trabalho apresentado para o GT 2: Folkcomunicação e Culturas Populares, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Pontifícia Universidade Caólica. Doutoranda em Comunicação e Semiótica, Mestre em Comunicação e Semiótica. Contato: camillamcm@hotmail.com.

comuns (Gielen, 2018), fazendo do corpo um agente político e comunicativo que desafia estruturas dominantes.

Dessa forma, estudar o improviso no Hip-Hop implica o estudo de vínculos e de práticas disruptivas que acontecem em conjunto. Isso porque esse modo de ação da performatividade, que acontece coletivamente e com foco no processo, é capaz de romper sistemas previamente estabelecidos.

Para isso, me aponto no comum-ismo, teorizados por Gielen (2018). Segundo o autor, eles seriam:

(...) uma busca por novas formas de viver juntos e tais mudanças raramente ocorrem sem ajustes e começos. Paixão e sofrimento – como o da crescente precariedade – andam de mãos dadas, tornando o empreendimento coletivo um tanto tragicômico. Há muitas risadas nos comuns, mas também há muitos gritos, e... suor (Gielen, 2018, p.82).

ANÁLISE

A ideia da improvisação no Hip-Hop como em oposição ao neoliberalismo se relaciona imensamente aos pensamentos de Luiz Beltrão, responsável por conceituar a folkcomunicação. Isso ocorre, pois sua teoria reconhece, justamente, a importância da comunicação popular como contestação à forma dominante – assim como age a cultura Hip-Hop.

Desde os primórdios da cultura Hip-Hop no Bronx, a agitação e reunião dos corpos contestavam, em conjunto, contra um sistema que queria descartá-los. Essa assembleia de corpos (Butler, 2019) é performática, comunicando suas reivindicações enquanto modifica o espaço em que ocupa.

Não é coincidência que o Hip-Hop se conjuga no encontro de dança, música, rimas rápidas, revolução de batidas musicais e pixações nas paredes dos vagões de metrô. Essas diferentes práticas de comunicação popular atuavam com o propósito de gritar à ordem dominante: “Estamos aqui! Lutamos pelos nossos”.

Qual é, então, o significado político de se reunir como corpos, parar o trânsito ou reivindicar atenção, ou se mover não em linha reta ou como indivíduos separados, mas como um movimento social de alguma forma? Essa assembleia de corpos [...] não precisa ter uma única mensagem. (Butler, 2019, p. 168)

Butler teoriza sobre as assembleias e as alianças justamente para falar sobre essa reunião performática de corpos políticos que reivindicam e comunicam – nas suas próprias maneiras e expressões. E que seria o Hip-Hop se não essa união entre linguagem e ação? As comunidades Hip-Hop, desde o seu princípio, comunicam enquanto transformam – sendo, portanto, performativas.

Esses processos de comunicação não se extinguiram durante o tempo, mas se adaptaram às demandas, assim como buscaram maneiras de produzir dentro do sistema neoliberal. No entanto, o caráter do improviso continua: é preciso encontrar frestas e se reinventar a todo tempo para continuar em movimento, encontrando novas formas de se comunicar.

O Hip-Hop pode ser entendido como diferentes processos de comunicação que mediam as relações entre as diversas comunidades e o mundo que as cerca. O Hip-Hop, mesmo entendido muitas vezes como capturado pelo neoliberalismo, é folk – principalmente quando pensamos em sua improvisação.

O motivo disso é a sua constante modificação: o improviso se adapta e resiste, tornando-se uma performance comunicativa que só é possível a partir do momento em que compreendemos sua potência transformadora, que produz sentido e sobrevivência nas brechas da cidade neoliberal.

Ainda, o improviso funciona como um veículo de informação e opinião (Beltrão, 2001), transmitindo coletivamente vivências das comunidades que atuam no Hip-Hop. Portanto, cada corpo político que participa desse processo de comunicação torna-se um agente de comunicação.

Conforme relaciono à teoria de Beltrão (2001), os agentes comunicadores do improviso podem ser considerados agentes comunicadores da folkcomunicação à medida que estão fora do sistema convencional, adotando modalidades outras para transmissão de suas mensagens:

A vinculação estreita entre folclore e comunicação popular, registrada na colheita dos dados inspirou o autor na nomenclatura desse tipo cismático de transmissão de notícias e expressão do pensamento e das vindicções coletivas. (Beltrão, 2001)

METODOLOGIA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A metodologia começou por leituras bibliográficas acerca da folkcomunicação e de autores cuja pesquisa sobre o comum e o corpo político se relacionam com a minha análise sobre o Hip-Hop. A partir desse levantamento bibliográfico, pude guiar meu artigo em algumas temáticas principais: 1) relação improviso – folkcomunicação; 2) relação comum – folk 3) relação precariedade-improviso.

Em termos de fundamentação teórica, foi consultado o livro *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias* (2001), lançado por Luiz Beltrão.

Em relação ao pensamento do corpo processual, uma obra essencial foi *Arte & Cognição: Corpomídia, Comunicação, Política* (2015), na qual Katz e Greiner pensam a teoria corpomídia, que foca nas conexões entre corpo e ambiente.

Outra fonte essencial foi *Commonism: A New Aesthetics of the Real* (2018), no qual Gielen e Dockx demonstram como chegaram ao conceito de comum-ismo.

Também analisei obras de Judith Butler, que vem discutindo diversas manifestações políticas, consideradas alianças e assembleias. Um exemplo é o da obra *Corpos em Aliança e Política das Ruas: notas para uma teoria performativa de Assembleia* (2019).

CONTRIBUIÇÕES E CONCLUSÃO

Este artigo quis, por meio de sua análise do Hip-Hop e do comum, propor uma outra perspectiva e abordagem para a teoria da folkcomunicação. Ao evidenciar as práticas de comunicação urbanas que ocorrem no improviso, pretende-se criar possibilidades de pensar o folk e esses corpos políticos que também são agentes comunicacionais.

Podemos considerar o improviso enquanto estratégia comunicativa de corpos precários, postos para fora do sistema convencional e das normas neoliberais. Portanto, ao fazê-lo, abrimos uma nova possibilidade para a pesquisa e para o entendimento da comunicação.

A conclusão deste artigo não propõe, portanto, fechar-se em um fim – pelo contrário. Idealmente este artigo abre novos caminhos para pensarmos diferentes modalidades de transmissão: quanto mais folk melhor.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001.

BUTLER, Judith. **Corpos em Aliança e Política das Ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

_____. **Quadros de Guerra**: Quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

D'ALVA, Roberta Estrela. Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DOCKX, Nico; GIELEN, Pascal. **Commonism: A New Aesthetics of the Real**. Amsterdam: Valiz, 2018.

GREINER, Christine; KATZ, Helena. **Arte & Cognição**: Corpomídia, Comunicação, Política. São Paulo: Annablume, 2015.